

# Carbanake

encrencas de um  
velejador



Max Gorissen

# Índice

Sinopse .....	03
Capítulo 1 ao 22.....	04 a 43
Epílogo .....	44
Sobre o autor Max Gorissen .....	45

## Carbanake: encrencas de um velejador

**Autor:** Maximilian Immo Orm Gorissen (Max Gorissen)

**Data da primeira edição:** 08/04/2019

**Ilustração de capa/ foto:** Maximilian Immo Orm Gorissen

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão do proprietário dos direitos.

Esta edição é publicada pela SailBrasil Magazine, somente em formato digital e distribuída através do site [www.sailbrasil.com.br](http://www.sailbrasil.com.br) sob licença do seu autor.

# Sinopse

Com seu temperamento explosivo, Marcos sempre se mete em encrenca.

Tendo se aposentado jovem para viver em um veleiro, ele leva uma vida tranquila. Mas tudo muda quando sua embarcação é quase abalroada por uma lancha de 65 pés que passa rápido demais e, para seu espanto, com sua namorada de topless deitada na proa ao lado de outro homem.

Em busca de vingança, tanto pela atitude do capitão da lancha quanto pelo sentimento de traição, Marcos enfrenta um inteligente criminoso que fará de sua vida um pesadelo.

Para piorar, ele descobre que sua namorada havia trabalhado como garota de programa e, apesar de ter abandonado a profissão, ainda mantém uma relação com o chefe do submundo da “diversão sensual”.

Se já é perigoso lidar com uma dessas situações, combinadas elas poderão custar sua vida.

# Capítulo 1

Sei que você está pensando que eu sou um idiota por ter me metido nesta enrascada.

Não, não se desculpe... Tenho de concordar com você: estar prestes a ser lançado no oceano, pelado como vim ao mundo, com as pernas presas pelos tornozelos a uns 5 metros de corrente e a uma âncora de 24 kg, tudo isso por causa de uma bobagem, certamente é algo que pode ser chamado de idiotice.

Ainda assim, em minha defesa, devo dizer que defender a reputação da minha namorada não pode ser considerado uma bobagem, nem uma idiotice!

“Não é?”

Bem, agora que sei de tudo, não tenho tanta certeza quanto à defesa de sua reputação. Mas ainda assim estava defendendo minha namorada.

“Ou é?”

Desculpe se pareço não estar em pleno controle de minhas faculdades mentais, mas se você estivesse no meu lugar, a caminho de uma morte certa, depois de ter recebido um chute na barriga e outro nas costelas, seu raciocínio também não seria dos melhores.

“Ou é?” – foi a última pergunta que me fiz. Bem, depende da situação... Mas, pensando agora, a situação era bastante clara.

Se você deseja saber, o que houve foi que estava eu tranquilo em meu veleiro (ancorado em Indaiá, em Bertioga), quando inesperadamente vi minha namorada e uma amiga, ambas de topless e com uma taça de champanhe na mão, tomando sol ao lado de um homem na proa de uma lancha de 65 pés, que passou rápido demais pelo meu veleiro.

Além da surpreendente visão, as altas marolas provocadas pela lancha, mais para ondas, quase me jogaram no cockpit, fazendo o veleiro balançar como um João-bobo e arremessando ao chão o prato de macarrão à bolonhesa preparado para o almoço e já servido na mesa. A taça de vinho, que eu fora buscar na cabine e estava na minha mão quando eu passava pela gaiuta, voou longe e lavou o deck em um vermelho sangue. Sorte que era de plástico... Pena que, caindo borda afora, acabou virando mais um plástico no mar.

Na hora não me pareceu, mas agora que tenho este momento a sós para pensar, enquanto não

passo a fazer parte da cadeia alimentar dos peixes, acho que não deveria ter ficado tão bravo, já que minha namorada estava descaradamente me botando os cornos!

Mas na hora a gente não pensa. Principalmente alguém como eu, que tem pavio curto e temperamento explosivo. Tudo o que me passou pela cabeça foi arrebentar de porrada o cara que passou daquele jeito com sua lancha e com minha namorada...

Ok. Você pode perceber, pela maneira como relato o ocorrido, que estou confuso. Para facilitar a compreensão, deixe-me então organizar um pouco as ideias.

Sendo sincero comigo mesmo, agora que estou prestes a morrer, a verdadeira razão de toda a minha raiva foi o fato de o lancheiro ter passado rápido demais e perto demais do meu veleiro. A gente perde a cabeça quando isso acontece. Mas naquele momento eu enganava a mim mesmo, tentando me convencer de que o que estava prestes a fazer era por causa da Gyo.

Não, Gyo não é o verdadeiro nome dela. Seu nome é Marcela. Mas ela gostava de ser chamada de Giovanna, com dois “n” mesmo, dizia ser chique... Porém todos acabavam por chamá-la de Gyo. Mais curto. Mais fácil. Mais profissional. Pelo menos para a profissão dela na época: um bom nome para uma garota de programa.

Nada contra a profissão: como homem independente, no alto dos meus 35 anos e solteiro, sempre gostei de garotas de programa. Mas nunca pensei que namoraria uma. Menos ainda que me meteria em uma enrascada destas, sem saber, por causa de uma.

## Capítulo 2

Em minha mente, enquanto nadava até a lancha – agora fundeada bem perto das pedras e longe das outras embarcações – eu só conseguia visualizar duas coisas: Marcela e o molho de macarrão à bolonhesa esparramado na teca do cockpit do meu veleiro. Isso numa proporção de 30% para Marcela e 70% para o molho à bolonhesa: proporção que reflete a paixão incondicional pelo meu veleiro, coisa que só velejador e dono de veleiro conseguem entender.

Eu nadava com dificuldade. Não por não saber nadar, mas por causa da pesada espia, ou cabo de atracação, que carregava em uma das mãos. Eu usava apenas uma máscara, pois não encontrara os pés de pato que estavam jogados no fundo do paiol. Devia ter tido paciência e procurado um pouco mais, pois sem eles o esforço aplicado não estava gerando o avanço desejado. Mas com a cabeça quente a gente não pensa, então o corpo padece.

Demorei uns 15 minutos para chegar sorratamente à lancha, e imediatamente comecei a exe-

cutar meu plano: enrolar a espia nas hélices da lancha. Pode parecer sacanagem, mas se você é velejador já deve ter pensado em afundar muita lancha que fez o mesmo, não é? Então amarrar a espia nas hélices não parece algo assim tão ruim...

Executado o serviço, eu deveria ter voltado ao veleiro, que estava vingado. Mas ainda existiam os outros 30% que me perturbavam: Gyo, quero dizer, Marcela.

Então, subi à superfície pela lateral próxima às pedras, onde não conseguiriam me ver, e me apoiei na plataforma de popa, protegido pelo bote de borracha. Sem notar nenhum movimento no deck, alcei-me sobre a plataforma, ficando encolhido atrás do bote de borracha. Realizei tudo isso com movimentos suaves, para não mexer a lancha. No solário de popa não havia ninguém. As portas de correr de vidro que davam para o salão estavam fechadas.

Nesse momento, percebi sob meus pés a vibração e o zumbido do gerador que, provavelmente, alimentava o ar-condicionado. Estavam todos dentro. Olhei e não vi ninguém no salão, por trás das portas de vidro.

Naquele instante, eu deveria ter voltado para a água. Mas a imagem das meninas de topless na proa da lancha ainda persistia em minha cabeça, e só conseguia imaginar como todos estavam se divertindo nas cabines.

Deveria ter parado um minuto e raciocinado, para não fazer besteira.

Mas não foi o que aconteceu. Tendo me vingado do molho na teca com a espia enrolada nas hélices, toda minha atenção havia se voltado à Marcela. Imaginei-a desnuda, com seu corpo de formas perfeitas, rolando na cama nos braços de outro homem e, por um instante, pensei ter sentido o cheiro do seu sexo. Sem raciocinar, por puro reflexo, abri silenciosamente as portas de vidro e entrei no salão.

Ninguém. Desci com cuidado a escada que dava no corredor das cabines, cujas portas fechadas aguçavam ainda mais minha insensatez. Eu não raciocinava. A única coisa que passava pela minha cabeça era que eu precisava ver com meus próprios olhos. Nunca tinha sentido nada igual: deve ser coisa de cornudo. Só assim para terminar com uma mulher daquelas. Lembre-se: eu ainda não sabia de sua atividade profissional. Só conseguia ver em Marcela a minha namorada.

Então, ouvi um barulho na cabine de proa. Sem dúvida eram duas pessoas em pleno ato sexual. Seria Marcela ou sua amiga? Só havia um jeito de descobrir. Coloquei a mão na maçaneta e comecei a girar. Então, do nada, escutei meu nome: “Marcos!” Era quase um sussurro. Mas não vinha da cabine de proa, que ainda estava com a porta fechada. Vinha das minhas costas.

Voltei-me para trás, enquanto ouvia uma nova pergunta, ainda quase um sussurro: “O que você está fazendo aqui?”

Então, levantando a cabeça, vi Marcela na minha frente, com os olhos arregalados e a boca aberta de espanto.

Minha resposta foi imediata, apesar de que também em sussurro: “Eu que pergunto! O que você está fazendo aqui com esses caras e quase pelada!?”

## Capítulo 3

Ela puxou meu braço e me levou para a cabine de onde havia saído. Ao entrar, vi que sua amiga cochilava em uma das camas. Sem conseguir entender o que se passava, ela disse, com expressão de raiva: “Você está louco? O que está fazendo nesta lancha? De onde você veio?”

“Louco?”, respondi, “Eu é que pergunto: o que você está fazendo nesta lancha com esses caras? Só estou aqui porque o imbecil do capitão quase atropelou meu veleiro quando passou a toda velocidade por ele! Só pude ver rapidamente você e sua amiga enroscada num dos caras! E você me pergunta o que estou fazendo neste barco?”

Ela suspirou, recobrou a calma, perdeu o vermelho da face e, olhando em meus olhos, disse: “É só um programa. Mas não é o que você está pensando! Só estamos aqui para despistar. Eles são gays. Mas não podem deixar todo mundo saber. Eu e a Milena” – e olhou para a mulher de corpo dourado que dormia na cama – “ganhamos um bom dinheiro com esse pessoal de lancha que quer manter a imagem.”

“Programa?”, perguntei.

Pude ver seus olhos encharcaram e sua voz tremular.

“É. Antes de te conhecer, eu era garota de programa em Santos. Mas isso acabou! Já faz uns meses que parei e nunca mais voltei a sair com ninguém por dinheiro. A não ser com alguns lancheiros que querem manter a imagem de garanhões saindo com meninas bonitas. Mas eles não fazem nada com a gente. É só fachada. Companhia para despistar e poder fazer o que quiserem enquanto todos olham com inveja, principalmente velejadores.” Percebi um sorrisinho nessa última afirmação.

“Mas não acontece nada! Juro! E os programas foram bem antes de conhecer você! Juro!” Lágrimas caíam de seus olhos. “Juro! Acredita em mim! Por favor, Marcos! Gosto muito de você e não

sabia como te contar. Tinha medo de te perder. Acredita em mim! Por favor!”

Senti minhas pernas tremerem e pensei que iria urrar desaforos, mas vi a sinceridade em seus olhos e me acalmei. Ela pegou no meu braço com sua mão suave, e senti um arrepio angustiante tomar conta do meu corpo. Eu não sabia o que fazer. Não sabia o que responder. Estava petrificado e mudo!

Então escutei a porta se abrir por trás de mim e senti uma batida seca em minha cabeça. Cambaleei em direção a Marcela e caí chapado sobre Milena, que acordou com um grito e, num reflexo, levantou rapidamente o joelho, encaixando-o entre minhas pernas e acertando as “joias da família”. Caí da cama com a mão entre as pernas e sem nenhuma condição de me mexer.

## Capítulo 4

Conheci Marcela em um evento sobre trimagem de velas em uma marina no Guarujá. O dois palestrantes, exímios velejadores, discorreram com maestria sobre a trimagem da vela mestra e da genoa/buja, dando dicas e explicando as regulagens das velas como só quem tem uma vasta experiência pode fazer, de maneira clara e didática, esclarecendo todas as dúvidas dos participantes.

Marcela estava acompanhada de um homem, mas era evidente que ele não tinha a menor ideia do que estava sendo dito, nem tentava entender. Ela o havia convencido a acompanhá-la para não ir sozinha, pois queria aprender a velejar.

Quando entrou, meio desconcertada com a quantidade de gente e procurando um lugar vago para dois, acabou sentando em uma cadeira ao meu lado. Ao pedir licença para se sentar, nossos olhares se encontraram e no mesmo instante eu soube que teria de conhecê-la. Bem, já que estou prestes a morrer, confesso com sinceridade que fui fulminado inicialmente pelo maravilhoso corpo violão que vinha junto com os olhos, o qual eu já notara quando ela entrou no restaurante onde se realizava o evento.

Durante a palestra, nossos braços se roçaram em várias oportunidades, o que para mim era ao mesmo tempo meio desconcertante e muito excitante, pois nesses momentos eu perdia o fio da meada, olhava para ela e pedia desculpa com um sorriso maroto, em descarado processo de conquista.

Ao final da palestra, os participantes foram convidados a “velejar” o modelo de veleiro East Coast 12 movido a controle remoto, usado para demonstrar as regulagens das velas, no piscinão da marina. Aproveitei a oportunidade para me aproximar: “É incrível como essas palestras ajudam



o velejador a melhorar e curtir sua velejada”, disse eu, tentando impressioná-la com meu comentário e olhando direto em seus olhos.

Ela me olhou, sorriu e respondeu: “Infelizmente, não tenho tanta experiência para poder afirmar.

Aliás, não tenho nenhuma. De qualquer maneira, gostei muito, apesar de ter entendido pouco, mas espero poder velejar algum dia para sentir essa liberdade que todos parecem buscar na vela.”

Já fulminado por sua beleza e agora por seu comentário, só consegui perguntar: “Você nunca velejou?” E, quase automaticamente, lancei na sequência: “Tenho um veleiro aqui na marina e adoraria levá-la para velejar algum dia.”

Nesse momento, o homem que a acompanhava virou-se e chamou-a para irem embora, mas notei que ela não prestou a mínima atenção ao pedido e, dando as costas para ele e olhando para mim enquanto seu rosto se iluminava, disse: “Eu adoraria!”

Surpreso, mastigando as palavras, lancei sem pensar: “Legal! Quando? Agora? Podemos almoçar no restaurante e depois saímos para velejar. Todos aqui me conhecem. Pode ficar tranquila que vai estar segura. Meu veleiro é grande e pode levar seu...”, interessado em saber o status de sua relação e minhas chances, enumerei as alternativas meio embaraçado, esperando que ela confirmasse a primeira, “...amigo? ...namorado?”

Enfática, ela respondeu: “Amigo.”

O amigo, aparentemente conhecendo-a e prevendo que eram grandes as chances de acabar tendo de sair dali em um veleiro, o que não o agradava nem um pouco, disse de maneira brusca: “Vamos embora. Eu já não queria vir na palestra e não estou nem um pouco a fim de sair para velejar, muito menos de almoçar aqui na marina. Pega suas coisas e vamos embora!”

Ela me olhou nos olhos por um tempo, parecia claramente estar avaliando suas alternativas – ir embora ou almoçar e velejar comigo –, então se virou para o amigo e disse com firmeza: “Pode ir, vou ficar para almoçar com este moço e depois sair para velejar. Aliás, qual é o seu nome?”, perguntou ela se virando novamente para mim.

“Marcos. Marcos Torres”, respondi com um sorriso. “E o seu?”

“Marcela Biaggi”, respondeu, inclinando-se levemente em minha direção e tocando meu braço com a mão.

Seu amigo fez uma cara de quem não gostou, virou-se enfezado e foi embora.

# Capítulo 5

Não cheguei a desmaiar com a porrada na nuca, mas a joelhada me deixou desconcertado por um tempo. Olhei para cima e vi a expressão de preocupação de Marcela enquanto um dos homens a mandava sair da cabine junto com Milena, e me alçava com facilidade pelo braço.

Fiquei aliviado que o homem não soubesse sobre minha relação com Marcela, e rezava para que ela não dissesse nada, nem tentasse me proteger. Tinha entrado naquela enrascada sozinho e não queria que ela se envolvesse.

Então o homem perguntou rudemente, enquanto prensava meu corpo na parede da cabine me segurava pelo pescoço com suas mãos de ferro: “Quem é você, e o que está fazendo aqui?” Sem me deixar responder, soltou uma das mãos do meu pescoço e deu um soco atravessado no meu estômago. Tossi e tentei me curvar pela dor, o que foi impossível, pois sua outra mão me segurava pelo pescoço na mesma posição.

“Vamos, responda!”, foi o que ouvi enquanto ele desferia outro golpe no meu estômago. Perdi o ar e, enquanto levantava desesperadamente as mãos abertas para que ele parasse, sem conseguir falar, pois tinha perdido a voz com o aperto no pescoço e os socos no estômago, o homem me soltou e me atirou na cama.

Coloquei automaticamente uma mão no pescoço e outra no estômago, como que para diminuir a dor, mas ela não diminuiu. Com medo de levar mais porrada, pensando muito bem no que dizer, apesar da dor, tentei balbuciar algumas palavras: “Sou... veleiro” – as palavras saíram meio sem nexos.

Tentei novamente, inspirando um pouco de ar pela boca e pelo nariz antes de falar: “Sou do veleiro ancorado perto, vocês passaram rápido ao lado dele... Vim tirar satisfação...” Diante dessa resposta, ele me olhou, me agarrou pelos cabelos, me jogou contra a parede e começou a esmurrar minha região abdominal e meu rosto, alternadamente.

Quando percebeu que eu estava próximo a desmaiar, me jogou novamente na cama.

Ainda bem, pois minhas pernas haviam perdido toda e qualquer sustentação.

Na posição que caí, olhei para os lençóis e pude ver que estavam ensanguentados. Então um dos olhos se fechou e não conseguia mais abri-lo. Mal conseguia ver pelo outro olho. Tudo doía.

Então ouvi novamente a pergunta: “Quem é você, e o que está fazendo aqui?”

Prontamente, juntei todas as minhas forças, temendo levar mais porrada, e respondi, tentando manter sem sucesso a voz firme: “Por favor, pare de me bater. Meu nome é Marcos e sou o proprietário do veleiro Tô-mais-que-à-Toa, que está ancorado perto da sua lancha.” Tossi e pude sentir o gosto de sangue misturado à saliva que escorria pelo canto da boca. O outro olho parecia também querer fechar. Ainda com medo de levar pancada, tentei completar a resposta, que saiu truncada: “Não bate... favor... vim... satisfação... maneira como... rápido... molho à bolonhesa...” E caí de cara no lençol. Não conseguia mais compor a frase. Minha cabeça girava. Eu estava perdendo os sentidos.

## Capítulo 6

Acordei de repente com falta de ar e o corpo gelado.

Tentei abrir os olhos, mas apenas um se abriu.

Desesperado, abri a boca e tentei sugar o ar, mas senti apenas o gosto da água salgada que começou a me asfixiar.

Batia as pernas sem entender o que estava acontecendo e então percebi que havia sido jogado na água.

Queriam me matar afogado!

Comecei a bater as mãos e as pernas em movimentos desconcertados até que minha cabeça rompeu a superfície. Tentei puxar o ar para dentro dos pulmões, mas estava com as vias respiratórias cheias de água salgada. Tossi cuspidando água pela boca e pelo nariz, meus pulmões ainda sem nenhum ar, tentei mais uma vez respirar e novamente só entrou água. Estava me afogando.

Eu precisava encontrar uma maneira de me acalmar e ficar boiando na superfície. Pelo menos com a cabeça de fora. Subi à superfície, tossi de novo ao tentar inspirar, mas, desta vez, já meio zozno, consegui ficar com o rosto fora da água e inspirar um pouco de ar, que chegou arranhando meus pulmões já machucados pela água salgada.

Fui respirando devagar, primeiro pela boca, tentando manter o rosto fora da água. Os pulmões foram respondendo e o ar voltava a preenchê-los. Comecei a recobrar o controle do meu corpo e a cabeça voltou a processar as informações. Eu parecia ouvir risadas. O que estava acontecendo? Onde estava? Por que estava na água?

Então vi a lancha e comecei a lembrar o que havia acontecido. Na plataforma de popa, dois homens davam risada.

Um deles me chamou e começou a falar. Tive de juntar todas as minhas forças e me concentrar para tentar entender o que dizia: “Marcos, Marcos, olha para mim. Isso. Se estiver me entendendo, mexe a cabeça.” Atendi imediatamente, fazendo um movimento curto com a cabeça. “Isso!

Agora presta atenção: nunca mais chega perto de nós ou desta lancha, ou eu te mato! Você entendeu, Marcos? Repete o que eu disse.”

Não sei de onde tirei forças para responder. Talvez do medo de morrer. “Entendi”, respondi, “vocês me matam”.

“Muito bom, Marcos. Agora, desaparece daqui!”

Com muito esforço, virei o corpo e comecei a nadar sob o olhar e as gargalhadas dos dois. Era difícil, pois tudo doía. Cada movimento transmitia uma nova dor ao meu cérebro. Mas ficar parado era morrer afogado, e isso não estava nos meus planos.

Comecei a nadar estilo cachorrinho e, enquanto passava pela popa, seguindo em direção ao veleiro, olhei para o lado e vi o nome da lancha por trás do bote de borracha, meio borrado por causa da condição do único olho que mal abria: Carbanake.

Nunca vou esquecer o nome da lancha. Nunca vou esquecer o rosto dos dois. Nunca vou esquecer a surra que levei. Nunca vou esquecer a profissão da Marcela... Gyo.

## Capítulo 7

Tentei nadar o mais rápido que pude.

Tudo doía, principalmente as costelas, mas a dor que mais incomodava era a da cabeça. Parecia que meu cérebro iria explodir a qualquer momento. Nem nas piores ressacas minha cabeça havia doído tanto!

Mas eu precisava colocar tudo isso de lado, pois minha preocupação imediata era outra.

Tinha apanhado como nunca só por ter entrado na lancha. Imaginar o que fariam comigo, se e quando descobrissem que eu havia enrolado o cabo espia em suas hélices, me fazia esquecer as dores e nadar ainda mais rápido.

Cheguei ao veleiro e subi rapidamente pela escada que havia deixado aberta na lateral. Do deck, olhei para a lancha que ainda estava no mesmo lugar. Podia ver que Marcela e Milena estavam na proa conversando sozinhas. Pelo estado dos meus olhos, não conseguia ver a expressão de preocupação das duas, mas podia imaginar. A mão de Marcela fez um pequeno movimento de aceno, ao qual respondi com outro, como que dizendo que tudo estava bem.

Com certeza Marcela se culpava pelo que havia acontecido comigo. Ela imaginava ser o motivo de eu ter entrado naquela lancha, supondo que o ciúme me levava a fazer aquilo. E não estava de todo errada. A espia nas hélices era por causa do que fizeram ao meu veleiro. Mas subir na lancha para ver o que minha namorada estava fazendo com dois homens estranhos e verificar se eu era mesmo um “cornudo”, isso sem dúvida eu havia feito por culpa dela.

O que piorava minha situação era que agora, após terem me encontrado dentro da lancha, existia a possibilidade de os homens associarem a espia enrolada nas hélices a mim. Se não tivessem me visto na lancha, eles certamente presumiriam ter dado o azar de passar com ela em cima do cabo da espia que se enrolou na hélice. Este idiota estava mesmo ferrado!

Os dois homens não estavam à vista. Concluí que haviam voltado à cabine para continuar “descansando”.

Então corri para o cockpit e liguei o motor, não sem antes lançar um olhar para o macarrão à bolonhesa que ainda estava esparramado sobre a teca. “Azar! Depois limpo!”

No momento, o que interessava era sair dali o mais rápido possível, pois um veleiro nunca seria páreo, caso a espia não travasse os motores, para a velocidade de uma lancha de 65 pés.

Corri para a proa e comecei a levantar a âncora, apertando o botão de subir do enrolador. Havia jogado 30 metros de corrente para uma profundidade de apenas 3 metros na maré baixa, muito mais do que o recomendado, mas, como velejador experiente, sabia ser o necessário para estar safo caso virasse o tempo. Enquanto a corrente era recolhida pelos “dentes” do enrolador, eu ia puxando e distribuindo a corrente com a outra mão para que não empilhasse nela mesma no paiol da âncora. Posso estar todo ferrado, mas procedimento é procedimento.

Parecia que a âncora não ia chegar nunca ao veleiro! Então ela apareceu, soltei o dedo do botão para esperar que girasse na posição certa e, uma vez na posição, pressionei o botão novamente até ela encaixar e travar no suporte.

Voltei então ao cockpit, recolhi a escada e coloquei o veleiro em marcha, subindo a rotação para 1.500 RPM e, à medida que a inércia ia sendo vencida, aumentando até 3.000 RPM, topo da ro-

tação para a relação do meu casco/ motor. O veleiro saiu da posição inicial e rapidamente chegou a sua velocidade máxima de 8 nós.

Considerando que a lancha, caso a espia não travasse os motores, alcançaria uma velocidade de cruzeiro de pelo menos 35 nós, não havia como escapar dos meus agressores, já que eu estava no Indaiá, longe de qualquer outra região de proteção ou ancoradouro, a não ser o Canal de Bertio-ga.

Olhei para o relógio: 16 h 35.

Eu só via uma alternativa. Ainda assim arriscada. Iria rumar para o alto-mar em vez de buscar a proteção da costa.

O racional por trás dessa decisão era muito simples: lancheiro, em sua grande maioria, é navegante de marina. Vai da marina para um ancoradouro e volta para a marina no final do dia para dormir. Não se aventura pelo mar. Raras são as exceções de lancheiros que navegam à noite, ao contrário dos velejadores.

Por isso, ao passar a Ponta da Enseada do Indaiá, coloquei a proa no rumo 127° da bússola, com destino à Ilha de Alcatrazes. Caso eles não me seguissem, no início do anoitecer eu mudaria o rumo para 70°, rumando para o Canal de Ilhabela, onde procuraria uma baía resguardada e isolada de tudo e de todos para me esconder, enquanto meu corpo se recuperaria da surra recebida.

O vento soprava a uns 10 nós de sudoeste. Imediatamente liguei o piloto automático e, com muita dificuldade, tentei subir a vela mestra. Sem conseguir me movimentar direito por causa das dores, abandonei a ideia e voltei à segurança do cockpit, onde, soltando o stopper que prendia o cabo do enrolador, cacei a escota de sotavento, o que fez a genoa se desenrolar e se encher com o vento. Cacei um pouco até as lâzinhas estarem paralelas e voltei para trás da roda do leme.

Qualquer aumento de velocidade era muito bem-vindo. Observei o mar para discernir de onde vinham as vagas e notei que também vinham de sudoeste, ou seja, vento e mar conspiravam para me levar o mais rápido possível para bem longe daquela área. Junto com o motor, fazia facilmente 9 nós de velocidade de cruzeiro.

A cada instante, eu olhava à minha popa para ver se a lancha me perseguia. Por sorte, nada. Mas só de me virar um pouco o corpo doía... A dor de cabeça então, era descomunal. Precisava verificar meu próprio estado e, principalmente, colocar uma roupa, pois ainda estava de sunga.

Com o piloto automático ligado e mantendo o rumo escolhido, passei por cima do macarrão à bolonhesa, ainda espalhado pelo cockpit e, chegando à gaiuta, comecei a descer as escadas.

O corpo já estava seco, mas com o frio por causa do sereno, a intensa dor de cabeça e a baixa da adrenalina que me mantivera alerta até então, a dor agora era insuportável e a cabeça estava zonzinha. Sozinho, não podia haver pior situação para estar navegando. Eu precisava fazer algo para me esquentar, ver como estava e, pelo menos, pegar um analgésico para a dor de cabeça.

Com um movimento brusco do veleiro ao bater em uma marola, somado a minhas pernas bambas, escorreguei no último degrau e caí batendo as costelas do lado esquerdo na antepara de separação da mesa de navegação e do sofá.

Ofegante, tentando recuperar a respiração, sentindo as pernas falharem e o corpo começar a cair, senti minha cabeça ficar vazia e comecei a perder os sentidos. Quase desacordado, a última coisa que me ocorreu antes de desmaiar foi um nome: Carbanake. E o rumo do piloto automático: a Ilha de Alcatrazes.

Como diz o ditado popular, desgraça pouca é bobagem...

## Capítulo 8

Em 2016 foi descoberto o maior roubo a bancos já realizado por meio de ataque de malware.

Antes dos ataques conhecidos como WannaCry, o hack da Sony Pictures, e antes mesmo dos vazamentos de dados da Equifax e da Yahoo!, já existia um malware conhecido como Carbanak.

Porém, diferente dos outros, esse malware não havia sido criado por pessoas interessadas em paralisar instituições e pedir resgates, publicar e-mails embaraçosos ou coletar dados pessoais.

Os criadores do Carbanak só queriam lucrar, e lucrar muito.

Começando suas atividades em 2013, esse bando de criminosos cibernéticos penetrou nos sistemas de mais de 100 bancos em 40 países, incluindo Alemanha, Rússia, Ucrânia, Taiwan e Estados Unidos, e roubando mais de 1,2 bilhão de dólares, valor estimado pela Europol, a agência de combate ao crime da União Europeia.

Por três anos, polícias especializadas do mundo todo uniram esforços para tentar identificar a gangue e seu método de assalto, que já era reconhecido no submundo digital como o mais complexo e criativo método de roubo a bancos.

Várias testemunhas relataram aos policiais terem ido sacar dinheiro em um caixa eletrônico e, de

repente, serem retiradas da máquina por pessoas bem vestidas que cancelavam o saque e devolviam educadamente seu cartão, enquanto pediam para que fossem embora. Então, um deles dizia “Está na hora” e, como diante do “Abre-te, Sésamo” de Ali Babá e os quarenta ladrões, a caverna se abria, ou melhor, a máquina fazia um som de “bip” e começava a “cuspir” dinheiro sem parar, até não sobrar uma única nota dentro dela.

Os ladrões colocavam uma sacola aberta em frente à abertura de saída das cédulas e, assim que a máquina fazia um segundo “bip”, fechavam a sacola e iam embora sem pressa, como se nada houvesse acontecido. Além de fazer caixas automáticos cuspirem dinheiro, os ladrões aumentavam o saldo de contas correntes de sua propriedade e transferiam milhões de dólares entre contas ao redor do mundo.

Descobriu-se que o método utilizado pela quadrilha eram os mesmos métodos de espionagem usados pelas agências de inteligência dos governos, com a apropriação de identidades de administradores de redes e de executivos de bancos e a verificação de arquivos em busca de informações confidenciais, senhas de segurança e procedimentos de acesso às contas. A gangue Carbanak operava por meio de computadores com acesso remoto e escondia seus acessos em um mar de endereços eletrônicos.

O primeiro registro que se tem dela foi feito em Kiev, quando executivos de um banco Ucrainiano deram pela falta de um grande montante de dinheiro. Câmeras de segurança mostraram então os caixas eletrônicos dispensando cédulas para pessoas que sequer haviam inserido um cartão ou digitado uma senha na máquina.

Diante disso, uma empresa de segurança cibernética foi contratada para identificar como o golpe estava sendo executado, pois acreditava-se que as máquinas houvessem sido infectadas com um malware por meio de um aparelho móvel. O que descobriram, no entanto, foi algo totalmente diferente.

Alguém havia enviado e-mails aos funcionários dos bancos, com arquivos Word anexados, dizendo ser de fabricantes de caixas eletrônicos. Um clássico ataque spearphishing. Uma vez aberto o anexo, ele baixava um código malicioso baseado em Carberp, um “cavalo de Troia” que abria uma porta secreta para a rede do banco. O malware mandava então informações confidenciais dos funcionários para um servidor controlado pelos hackers. A empresa descobriu também que os hackers haviam assumido o controle de centenas de câmeras de computadores dentro dos bancos, tirando fotos e registrando o que era digitado nos teclados.

Os hackers fizeram isso por meses, concentrando seus esforços nos executivos que possuíam acesso e permissão para transferir dinheiro entre contas, para empréstimos e para os caixas eletrônicos. Eles também estudaram a fundo como e quando os bancos movimentavam o dinheiro.



Mas não estavam interessados em fazer nada que despertasse as desconfianças do pessoal de segurança de rede. O objetivo era roubar informações, e não dinheiro e, quando chegou a hora, os ladrões usaram os códigos de verificação dos funcionários do banco para criar transações que aparentavam ser legítimas.

A Europol percebeu que nunca ninguém fizera algo tão sofisticado, e que nunca houvera um ataque de malware tão bem orquestrado. Então decidiu pedir ajuda às agências de aplicação da lei em Belarus, Moldova, România, Espanha, Taiwan e Estado Unidos, além de aos representantes do setor bancário como um todo. Um laboratório foi montado para analisar todas as informações, servidores, acessos, operações, procedimentos e os mais de duas dúzias de malwares identificados nos roubos Carbanak.

Isolando características únicas no código do malware, os detetives puderam rastrear de onde o programa se originava e quem o estava usando. O intenso esforço os levou a um apartamento na cidade de Alicante, na Espanha, em nome de um imigrante chamado Barbatana, ucraniano, magrinho, de 34 anos de idade, que vivia com sua esposa e filho e, segundo descobriram durante o processo de vigilância, nunca saía de casa, onde normalmente recebia romenos e moldavos ligados ao crime organizado.

Com o tempo, descobriram que Barbatana trabalhava com outros três homens na Ucrânia e na Rússia. Um deles havia mandado os e-mails com o código malicioso, outro era um expert em bancos de dados, e o terceiro limpava as pegadas digitais. Barbatana, acredita-se, foi o idealizador de todo o esquema e, com certeza, era quem o controlava.

Porém, nada provava que Barbatana fosse responsável pelos roubos. Era necessário encontrar outro meio de reunir provas, já que, pelas vias digitais, com seu total controle e limpeza dos rastros digitais, isso era quase impossível.

O único fator que não era totalmente controlado pelo grupo era o humano, ou seja, as “mulas” que retiravam e movimentavam o dinheiro físico. Foi por meio dessas pessoas que a polícia conseguiu pegar a gangue.

Mas Carbanak não parou por aí. Hoje, os ataques digitais se reproduzem e se dividem como amebas, proliferando e criando novas formas de malware. Empresas de combate ao crime cibernético já identificaram várias novas modificações do código Cobalt, usado por Carbanak em e-mails recebidos por outros bancos e empresas.

Aparentemente, os ataques não vão desaparecer só porque os suspeitos de os terem desenvolvido foram apanhados...

# Capítulo 9

Acordei meio zozzo, sem a visão de um olho e com a cabeça apoiada no piso em uma poça de baba. A cabeça ainda doía muito, mas não tanto quanto o corpo, e este, menos do que meu rosto. Não entendia o que estava fazendo ali no piso da cabine do veleiro ou por que tudo doía.

Foi o barulho do motor que me trouxe de um salto novamente à realidade e, em segundos, à lucidez, que veio em uma sucessão de imagens: molho à bolonhesa, topless, Carbanake, Ilha de Alcatrazes, fugindo em rota de colisão!

Levantei de um pulo e senti tudo girar. Me apoiei na antepara onde havia batido as costelas e imediatamente senti a dor no local. Mas minha cabeça estava em outra esfera e a dor podia esperar. Subi o mais rápido que pude as escadas que levavam ao cockpit e, ainda de pé na escada, virei e olhei para a proa a fim de tentar ver a Ilha de Alcatrazes. Tudo estava escuro, um breu. Como poderia ser tão tarde? Que horas eram?

Fixei então o olho que ainda abria, tentando focar avante e identificar a silhueta da ilha, mas não vi nada. Nem a luz do farol. Subi ao cockpit e fui para trás da roda do leme, onde, no púlpito, estava instalado meu chartplotter. Novamente tentando fixar a visão, observei na tela iluminada que a Ilha de Alcatrazes estava a 3,4 MN à minha popa. Que horas eram? Exatamente 1 h 17 – eu havia ficado nove horas desacordado!

Sentei a fim de procurar entender minha situação, e a primeira coisa que me veio à cabeça foi virar o corpo para olhar se as luzes de uma lancha vinham em busca de mim. Nada. Alívio!

Era óbvio que o rumo que por acaso tracei não dava direto na Ilha de Alcatrazes, mas, observando novamente o chartplotter e o traçado da rota percorrida, havia passado, para meu alívio, ao sul da ilha, onde não havia nenhum perigo.

Senti então no rosto o vento que ainda vinha de sudoeste e olhei imediatamente para minha genoa. Ela estava cheia e, nesse momento, comecei a sentir o balançar do veleiro, como se houvesse me “conectado” novamente a ele. Chequei minha posição, olhando novamente para a tela, e percebi que estava com a Ilhabela a 15 MN pelo través no rumo 30°.

Bateu então uma fome danada e olhei para o macarrão no deck. “Foca, Marcos! Decide o que vai fazer e depois você pensa em comer! Decidido! Praia da Fome! É para lá que eu vou.”

A Praia da Fome (23° 44.594' S e 45° 16.023' W) é uma das mais belas de Ilhabela e, por ser acessível somente por trilha ou barco, também era o local ideal para eu ancorar durante algum tem-

po para me recuperar. O único problema era que, de onde eu estava, ela ficava do outro lado da ilha, a umas 32 MN. Calculando de cabeça, incluindo o contorno da ilha, a 9 nós de velocidade, eu chegaria lá pelas 5 horas da manhã – perfeito!

Olhei para a genoa e, sentindo as dores no corpo, decidi fechá-la e seguir apenas com motor até meu novo ancoradouro.

Uma vez enrolada a genoa e com o novo rumo pela proa mantido pelo piloto automático, fui checar o nível do diesel, que estava em mais de meio tanque, coloquei uma camisa, pois estava com frio, tomei um analgésico para a dor de cabeça, que havia aumentado, e peguei um miojo, que comi cru, como gosto, pois estava com fome. Então, com minhas necessidades básicas saciadas, sentei no cockpit para relaxar, enquanto, imerso nessa paz que é uma noite calma no mar, tentava achar uma saída para a encrenca em que estava metido.

## Capítulo 10

Como tinha umas quatro horas de navegação pela frente, a primeira coisa que fiz foi pegar um saco com gelo para colocar sob o olho, a fim de diminuir o inchaço. Depois fui pesquisar na internet pelo nome da embarcação: Carbanake.

Os principais resultados da pesquisa apontavam para uma gangue de hackers ucranianos que moravam na Espanha e haviam roubado bilhões de dólares de caixas automáticos, que começavam a cuspir dinheiro sem mesmo colocarem um cartão. Interessante, mas não era o que eu procurava... Eu queria saber de quem era a lancha, onde ela era guardada e o que o dono fazia da vida.

Lá pelo meio da página de pesquisa, após o box de vídeos relacionados a Carbanak, apareceu um box de “Imagens de Carbanak”. Cliquei no link fornecido e apareceu uma série de fotos de coisas relacionadas a ciber Crimes, códigos maliciosos, fluxos mostrando ladrões, computadores e bancos, fotos de pessoas encapuzadas em caixas eletrônicos, entre muitas outras. Então, no meio desse monte de imagens, a foto de uma lancha de 65 pés com várias mulheres e homens bebendo e se divertindo, aparentemente dançando, dadas as posições dos corpos e os sorrisos e bocas abertas, como que cantando.

Cliquei na foto e várias outras apareceram. Eram de um evento que reunira umas 15 lanchas no Indaiá. Amarradas no contrabordo, elas formavam uma passarela cheia de gente de biquíni e sunga, dançando e parecendo se divertir, enquanto marinheiros, com a típica camiseta com o logo da lancha e shorts azuis, suados, faziam churrasco e serviam comes e bebes na popa das lanchas.

Procurei entre as várias fotografias até encontrar a que procurava. Nela, era possível ver a proa por bombordo com o nome da lancha Carbanake em letras verdes, bem como os dois homens, meio abraçados a outros três, todos barrigudos e de sungas coloridas com motivos florais, de pé, mostrando seus drinks para a câmera. Cliquei na foto, que era um link para uma página na qual pude ler “A turma mais animada e descontraída da festa no Indaiá estava na lancha Carbanake, do empresário do ramo de construção do Guarujá, Mauro Fontez Ferreira”.

Fiz nova pesquisa com “Mauro Fontez Ferreira construtora Guarujá”, que retornou uma página cheia de anúncios de imóveis com o link para o site [www.MFFconstrutora.com.br](http://www.MFFconstrutora.com.br) e outros links para eventos sociais dos quais o tal Mauro Fontez Ferreira havia participado, cheios de fotos com amigos e amigas abraçados com ele.

Em uma das fotos, Gyo aparecia em uma festa em Santos, vestindo uma mini saia branca bem curta e uma camisa florida em verde e amarelo com decote em V que mostrava até o seu umbigo e que me deixou tão surpreso, que só consegui pensar “Gostosa!”, em vez de outro adjetivo que pudesse se referir melhor a sua beleza...

Continuando a pesquisa sobre Mauro, encontrei seu Facebook, Instagram, LinkedIn, entre outras mídias sociais e mais sites de eventos sociais dos quais havia participado. Em seu Instagram, encontrei muitas fotos das mesmas festas que já havia visto, várias outras em sua lancha, em diferentes locais, como Guarujá, Bertioga, Ilhabela e Ubatuba, e fotos de suas viagens internacionais.

Nestas últimas, reparei que havia estado na Rússia havia apenas seis meses, e também visitara Kiev, onde tirou várias fotos na Catedral de Santa Sofia (catedral ortodoxa fundada em 1037 com construções monásticas, uma cúpula dourada, uma necrópole e um museu), além da Praça da Independência, do Portão Golden Gate e do Museu Nacional de Chernobyl. Em todas as fotos, o mesmo homem que eu certamente nunca vou esquecer e que me enchera de porrada. Seu nome era Pedro Cervantes.

Clicando no link do seu nome, cheguei a sua página no Instagram, que tinha inúmeras fotos também de Kiev, muitas repetidas em relação às do Instagram de Mauro, e outras de uma viagem a Alicante, na Espanha, alguns dias antes, que me chamaram a atenção.

Uma delas me interessou em especial: ele estava almoçando em uma mesa no Passeio Esplanada de Espanha, acompanhado de dois homens, um dos quais eu imediatamente reconheci, pois era aquele que havia acompanhado a Marcela à marina quando eu a conheci, e outro, de feições finas, muito branco, de cabelo ruivo alaranjado e vestindo uma camiseta verde com um escudo centralizado com os dizeres “Futbolniy Klub Vorskla”.

Não havia nenhuma menção aos nomes dos homens.

Pesquisei então por “Futbolniy Klub Vorskla” e descobri se tratar do Vorskla Poltava, um clube de futebol ucraniano fundado em 1955 e sediado na cidade de Poltava.

Foram todas essas coincidências – nome da lancha Carbanake, viagem de Mauro a Kiev seis meses antes, viagem de Pedro a Alicante, seu almoço com o homem que vestia a camiseta de um time ucraniano de futebol – que me fizeram voltar a pesquisar por Carbanak, os hackers que haviam roubado milhões de dólares no mundo todo.

Uma teoria começou a se formar na minha cabeça, de que estavam “lavando o dinheiro Carbanak no Brasil” e eu não gostava nem um pouco do que isso implicava.

Aproveitando esse momento de pura elucubração, já conseguindo abrir o olho que havia desinchado, me pus a limpar os restos de macarrão e molho à bolonhesa do deck...

Ancorei na baía abrigada da Praia da Fome às 4 h 53, praticamente em cima da minha previsão de chegada, e, depois de confirmar que estava safo, fui dormir exausto, ignorando o belo amanhecer e pensando em tudo o que havia descoberto.

## Capítulo 11

Levantei às 7 h, pois praticamente não consegui dormir com as dores que sentia em todo o corpo e as implicações do que havia descoberto a respeito de Mauro e Pedro. A cabeça não doía mais, o que foi um alívio.

Eu precisava urgentemente de um banho, e nada melhor do que se jogar ao mar para limpar o corpo, acalmar a alma, além, é claro, de aliviar com a água fresca as dores que ainda sentia.

Após uma longa nadada em volta do veleiro, tomei um café da manhã reforçado, com ovos mexidos, pão de forma com manteiga e geleia, e um chá preto em vez de café, finalizando a refeição com um pêssego fresco delicioso. A cabeça não parava de conjecturar diferentes teorias, todas com uma terrível conclusão.

Então, praticamente às 8 h 30 da manhã, liguei o celular e vi entrarem as notificações de 23 ligações não atendidas da Gyo. Senti uma pontada de culpa e, clicando na última ligação não atendida, retornei, sendo atendido no segundo toque.

“Marcos, onde você está? Você está bem? Estou morrendo de preocupação! O que foi aquilo?”

Você está louco em entrar na lancha de outra pessoa e...”

“Para! Deixa eu falar!”, interrompi com um tom um pouco rude.

“Desculpe, fala.”, foi só o que ela conseguiu responder.

“Bom dia, Marcela, ou Gyo, já que agora sei de onde vem o nome.” Sem deixá-la retrucar, continuei. “Estou bem, bem machucado, mas bem. Estou ancorado na Praia da Fome, em Ilhabela.” E contei tudo que havia acontecido do momento que parti do Indaiá até quando telefonei, evitando contar a teoria que eu tinha sobre Mauro e Pedro. Ela não me interrompeu, mas, assim que terminei de falar, fez a pergunta que estava travada em sua garganta: “O que deu em você para entrar na lancha dos outros?”

“O que deu em mim? E você ainda pergunta? É claro que eu entrei na lancha desses caras por causa de você! Não era você que estava de topless na proa da lancha com uma taça de champanhe na mão e toda enroscada num dos caras e, de repente, desapareceu dentro da lancha com eles? O que você acha que eu pensei como seu namorado, e o que você queria que eu fizesse?”

“Desculpe”, foi sua resposta em voz baixa. “Me desculpa! Devia ter te contado antes. Fui uma boba em não contar, mas pensei que, se você soubesse, não iria mais querer ficar comigo. Tenho várias amigas que deixaram essa vida e quando acham um cara legal e contam o que já fizeram, ele simplesmente desaparece... Sei que você é diferente, mas estava esperando o momento certo para contar... Infelizmente, o momento aconteceu da pior maneira possível e agora você está todo machucado e com dois caras atrás de você por causa do que fez com a lancha deles...”

Era o que eu temia. Era óbvio que eles haviam relacionado a espia enrolada nas hélices comigo.

Ela continuou: “Eles sacaram na hora que você havia enrolado uma corda na hélice. Quando fomos voltar para a marina, a lancha tremeu toda e fez um barulhão! Então o Pedro mergulhou e viu que em um dos eixos havia uma corda enroscada na hélice. Ele saiu da água xingando você de todos os nomes além, é claro, de afirmar que era um homem morto! Então mergulhou novamente com uma faca para cortar a corda. Mas mesmo assim a hélice não girou, pois quebrou um tal de acoplamento.”

Ela havia dito que o nome do homem era Pedro, o que confirmava minhas informações, e continuei a ouvir.

“Então, como ainda dava para navegar com um só motor, pois nada tinha acontecido à outra hélice, que só tinha ficado com a corda enrolada...” “Espia!”, interrompi sem pensar, ao que ela respondeu gritando: “O que importa se é uma corda ou uma espia ou o raio que o parta! O que

importa é que você está ferrado! Os caras estão te procurando para te matar! É gente que não brinca em serviço! Mexeu com eles, você morre! Eles até viram você rumando para o mar, e só não foram atrás porque estava escurecendo e só um motor funcionava, se não você já teria virado comida de peixe. E tudo por culpa minha!” Então ela se calou e começou a chorar.

Sem jeito, eu disse que não era culpa dela, que a culpa era minha por eu ter pavio curto, enquanto pensava orgulhoso que minha estratégia havia funcionado. “Bem”, finalizei, “não adianta chorar pelo leite derramado! Deixa eu entender o que está acontecendo”, e mudei o rumo da conversa, pois aquela choradeira não iria me levar a nada.

“Eles sabem que você é a minha namorada?”

Esperei um pouco enquanto ela se recompunha e respondia: “Ainda não...”

“Como assim, ainda não? Por que saberiam?”

“Bem, quem organizou de estarmos ali como fachada para os dois poderem ficar juntos foi o Rafael, meu antigo chefe” – “meu cafetão”, pensei em voz baixa – “e ele sabe que você é meu namorado. Então é só uma questão de tempo para ele contar quem...” Ela nunca terminou a frase.

Naquele momento, escutei pelo celular um barulho alto de porta sendo quebrada, seguido por um grito assustador da Gyo. Seu celular caiu no chão e escutei seus gritos pedindo por favor que não a machucassem, ao mesmo tempo em que ouvia os tabefes e pontapés que levava. Após alguns segundos, que pareceram uma eternidade, ela se calou... E um corpo caiu no chão... Rezei para que ela houvesse apenas desmaiado.

Foi então que alguém pegou o celular do chão e perguntou: “Marcos?”

Gelei, mas, mantendo a calma, perguntei: “O que vocês fizeram com a Gyo?”

“O que fizemos com a Gyo não te interessa. O que importa é que, se você não aparecer, ela morre!”

Desliguei o telefone após escutar todas as instruções do “Pedro filho da p#!@”.

De onde estava sentado, atrás da roda do leme, liguei o motor do veleiro e corri até a proa para levantar a âncora.

Eu não tinha um segundo a perder.

# Capítulo 12

No dia em que nos conhecemos, Marcela e eu, acabamos não saindo para velejar, apesar de esse ter sido o atrativo para ela ficar e almoçar comigo.

Almoçamos e ficamos horas conversando. Ela me contou tudo sobre sua infância em Santos e seus planos para o futuro.

Agora, pensando bem, enquanto navego de volta para o Guarujá, percebo que ela nunca mencionou nada do que fazia ou sobre sua vida no presente. Disse apenas que havia cursado faculdade de Educação Física em Santos, mas não falamos sobre se ela exercia a profissão, pois logo em seguida ela me disse que já havia falado muito de si mesma e queria saber da minha vida.

“Minha vida é muito simples”, disse a ela.

Vindo de uma família de classe média de São Paulo, tive a sorte de meu pai ser um fanático por vela e de ter feito parte de uma equipe de regatas de veleiro oceânico. Todo final de semana desciamos para o Guarujá para que ele pudesse, com a equipe, treinar ou participar de alguma regata. Enquanto ele treinava, minha mãe, meu irmão e eu íamos pegar uma praia nas Astúrias, pois a marina ficava no Complexo Industrial Naval de Guarujá (Cing), a poucos minutos de carro da praia.

Muitas vezes, meu pai me levava com meu irmão aos treinos, e eu ficava maravilhado, tanto com a agitação durante o treino, quanto com a paz e a calma da navegada ao voltar à marina.

Muitas vezes o proprietário do veleiro nos deixava pernoitar nele e, enquanto minha mãe cozinhava algo delicioso, eu e meu irmão criávamos todo tipo de brincadeira, tanto dentro quanto fora do veleiro. Toda vez meus pais tinham de brigar para que fôssemos dormir, pois nossa imaginação era grande e as brincadeiras, intermináveis. Fui um apaixonado por veleiros desde o momento em que vi um.

Então, cresci nesse meio, cursei faculdade de Processamento de Dados e comecei a trabalhar em uma grande empresa, na área de desenvolvimento de sistemas na linguagem COBOL. Foram anos longe do mar e dos veleiros. A exigência era tão grande que virávamos os finais de semana e até muitas noites durante a semana para entregar os sistemas que desenvolvíamos.

Se eu não estava na empresa, estava em casa desenvolvendo por conta própria um sistema para gerenciar um escritório de advocacia e seus processos na mais simples das linguagens. Pode rir à vontade, pois era em Clipper, um compilador 16 bits da linguagem xBase para o ambiente DOS.



O Clipper foi criado em 1984 com o propósito de ser um compilador para o Ashton-Tate dBase, um gerenciador de banco de dados muito popular em sua época.

E por que menciono tudo isso? Porque foi assim que ganhei minha independência financeira. O mesmo sistema que desenvolvi para o escritório de advocacia, por contrato, eu poderia vender para outros escritórios. Larguei meu emprego na grande empresa e me dediquei a vender e melhorar meu próprio software que, criativamente, chamei de LawyerIO, ou seja, advogado em inglês, combinado com Input/ Output. Até que, um dia, uma empresa de softwares estadunidense comprou meu programa por uma soma astronômica para a época. E foi assim que pude, desde então, comprar um veleiro e viver nele sem precisar trabalhar.

Marcela ouvia minha história e seus olhos refletiam sua incompreensão. Ela não conseguia compreender como alguém conseguia se desprender da vida na cidade grande e, com muito dinheiro para gastar, morar de maneira frugal em um veleiro.

Tentei explicar o conceito que norteava minha decisão de vida, a independência financeira segundo o conceito “FIRE”. Esse é um acrônimo para o termo em inglês Financial Independence and Retiring Early, ou Independência Financeira e Aposentadoria Antecipada.

Embora independência financeira e aposentadoria antecipada tenham muitos pontos em comum, eles não são exatamente a mesma coisa. Independência financeira é ter dinheiro suficiente em renda passiva para você poder parar de trabalhar. Essencialmente, o dinheiro que você tem investido é que fornece suficiente retorno para você não precisar de uma renda tradicional para pagar suas despesas, daí o termo independência financeira. Pessoas que perseguem o FIRE, geralmente, têm planos de viver perseguindo suas paixões e outras coisas na vida.

No meu caso, além de ter usado o dinheiro que ganhei para adquirir ações de empresas que davam bons dividendos, coloquei para alugar o apartamento onde morava em São Paulo e, tendo comprado à vista mais um apartamento, ainda na planta, o que reduziu seu preço, assim que este ficou pronto, também o coloquei para alugar. Vendi meu carro, minha moto, todos os móveis e um monte de coisas que em um veleiro não servem para nada. Tudo o que comprei desde então, além de boa comida e algumas peças para o veleiro, foi uma bicicleta dobrável, que guardo no próprio veleiro.

Com isso, percebi como acumulamos coisas e como elas não são necessárias uma vez que se decide por diminuir o estresse que o dinheiro causa quando se busca sua vida financeira ideal.

Meu veleiro, que é basicamente minha casa, está pago. Não preciso mais pensar em dinheiro porque ele chega todo mês por meio de meus alugueis e investimentos. O valor que sobra – que é bastante, pois praticamente não tenho custos, além de comida e alguma roupa que compro de

vez em quando – reinvesto em ações ou outro investimento de boa rentabilidade e liquidez. Com isso, gasto meu tempo descobrindo como obter mais satisfação a cada dia. Viajo, me alimento muito bem e de maneira saudável, me encontro com amigos quando eles conseguem fugir das suas obrigações por um tempinho, leio muitos livros, descanso e saio para passear e ver as coisas belas que o mundo nos disponibiliza. Muitas vezes, por vários dias, sem pressa para voltar.

Em pouco tempo, trocar o carro novo por outro mais novo e ainda melhor, objetivo da maioria das pessoas e que geralmente significa mais dívidas, deixa de ser relevante e passa a ser menos atraente se, para isso, você tem de prolongar seu tempo fazendo coisas de que não gosta, como ficar fechado o dia todo em um cubículo, atrás da tela de um computador, só para conseguir pagar as prestações do carro novo e de todas as outras coisas que comprou para sentir que sua vida é melhor.

No dia em que eu tiver um filho, ele vai se encaixar nesse modelo e vou ensiná-lo como se deve viver, em vez de, como a maioria, apenas sobreviver... Talvez no veleiro, talvez em uma casa em terra, mas seguindo os conceitos do FIRE.

Então ela entendeu o meu modelo de vida e, sem aviso, colocando sua mão sobre a minha, disse que havia acumulado uma boa quantia em dinheiro com seu trabalho e também queria tentar seguir meu plano.

Sua mão sob a minha, seus olhos brilhantes, seus lábios entreabertos, tudo isso foi um choque de sensualidade tão grande que perdi a inibição e, mesmo tendo-a conhecido há apenas algumas horas, em um movimento suave, me alcei e a beijei na boca por cima da mesa.

Sua reação foi de espanto, mas ele durou apenas um segundo e sua boca se abriu imediatamente, envolvendo meus lábios enquanto nossas línguas se encontravam. O beijo durou bastante. Não queria que terminasse, mas, resignado, sabia que uma hora teria de terminar. E terminou com ela mordendo suavemente meu lábio inferior, como que não querendo largar e me conquistando definitivamente.

Fomos para dentro do veleiro, onde fizemos amor por duas vezes, até que, com fome novamente, fomos para a cozinha e juntos, calmamente, encostando sensualmente um no outro enquanto cozinávamos, nos beijando com frequência, em beijos que muitas vezes terminavam com ela deitada em alguma superfície e nossas pernas entrelaçadas, beliscando pedaços de queijo ou comendo algum caju, bebericando um champanhe gelado, fizemos um delicioso Pad Thai (macarrão frito tailandês) com frango.

No dia seguinte, depois de tomar o café da manhã e novamente fazermos amor, saímos para velejar.

Ela simplesmente adorou!

Como já havia sentido no momento em que a vi entrando no restaurante da palestra, foi paixão à primeira vista. E a paixão foi mútua.

Desde então, estamos namorando, cada um independente, seguindo com sua vida, ela em Santos e eu provisoriamente no Guarujá. Velejamos sempre que possível, principalmente nos finais de semana.

Com exceção de alguns, como este último.

## Capítulo 13

Eu havia conseguido negociar dois dias para me entregar. contei, para isso, com a ignorância marinheira comum à maioria dos lancheiros, que não tem a mínima ideia do que é um veleiro e entende menos ainda sobre navegação.

Da Praia da Fome em Ilhabela até a entrada da Baía de Santos são aproximadamente 59 MN, ou seja, umas 7 h 37 navegando em linha reta a 8 nós, velocidade que meu veleiro alcança com folga só no motor.

Isso me daria tempo de sobra para confirmar a minha suspeita de que estavam “lavando o dinheiro Carbanak” no Brasil, juntar provas para ir à polícia, tentar localizar e, se possível, resgatar Marcela.

Porém, antes eu precisava descobrir como o dinheiro entraria no país e o que pretendiam fazer com ele.

Descobrir como o dinheiro entraria no país não estava ao meu alcance, mas o que pretendiam fazer com ele talvez estivesse... Voltei a pesquisar na internet usando a informação que tinha: a MFF Construções.

O site da empresa a apresentava como uma companhia comprometida com a inovação e o progresso do setor e de todas as pessoas envolvidas para a construção de um mundo melhor. Já em sua página inicial, podiam ser vistos inúmeros empreendimentos no litoral sul de São Paulo, em Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. Parece que só não construíram na Ilha Comprida, por ser uma reserva.

Eu já navegara diversas vezes entre o Guarujá e Cananéia, indo até a Ilha do Mel, no Paraná, e vi o que foi feito com a orla: um paredão de prédios quase sem fim, praticamente grudados uns aos outros.

Seria assim que pretendiam investir o dinheiro?

Então, direcionei minha pesquisa à procura de artigos, eventos, reuniões e qualquer tipo de informação que mostrasse envolvimento da MFF com reclamações, ações na justiça, agentes públicos ou qualquer coisa relacionada a um “desvio de conduta”.

E assim encontrei diversos links que davam suporte à minha teoria.

## Capítulo 14

Há cinco anos, a MFF Construtora fora criada com o objetivo de construir prédios de apartamentos beneficiando-se das outorgas onerosas, que permitem elevar, por meio de um “pagamento adicional”, o limite de altura de prédios na orla. Tudo legal, desde que aprovado pelas devidas autoridades.

A atividade da companhia começou com o pagamento da outorga para poder construir na primeira quadra da orla um prédio de até 15 metros de altura, ou seja, cinco andares mais garagem, onde o limite permitido era de 11,5 metros.

Não satisfeita e, usando sua alta influência política e financeira na região, a MFF Construtora já havia conseguido elevar a altura dos edifícios para até 65 metros, 21 andares mais garagem, nas praias do sul de São Paulo, de Praia Grande até Peruíbe, valendo-se de outorgas, previstas no plano atual. Esse era o objetivo da MFF Construtora, que já estava idealizando, mesmo sem permissão e aprovação, a construção de prédios de até 75 metros de altura, 25 andares com as garagens.

A construtora já havia até mesmo levado a Prefeitura de Guarujá, ludibriada por certas pessoas e sob a alegação de fomentar a construção civil e gerar empregos diretos e indiretos na cidade, a encaminhar um projeto de lei para votação na Câmara, a fim de alterar os devidos artigos do Plano Diretor do Município para permitir ampliar o número de pavimentos de edifícios a partir da orla das praias, principalmente na praia da Enseada, do Tombo e do Guaiuba, sendo que nesta última é proibida a construção de prédios.

Felizmente, o Ministério Público já recomendara suspender a pauta da proposta a fim de permitir uma maior discussão junto à população, alegando a falta de estudos de impactos urbanísticos, ambientais, financeiros e econômicos por parte do Executivo. O órgão sugeria manter

os estudos e o projeto de lei disponíveis ao público por pelo menos 15 dias antes da realização de uma audiência pública pela Casa, após ampla publicidade.

No entanto, a Prefeitura já havia informado a possível realização de uma nova audiência pública em breve, enviando o plano logo em seguida.

Incrível como são as coisas neste país: como toda malandragem pública e política, as engrenagens estavam se movendo rapidamente!

Minha conclusão, após algumas horas de leituras, era de que o dinheiro Carbanak seria utilizado para financiar a construção de prédios altos na orla do Guarujá, onde hoje é proibido por lei, inclusive em uma das poucas praias preservadas da especulação imobiliária, a Praia do Guaiuba.

Eu estava quase certo de que sabia como iriam investir o dinheiro; faltava entender como ele entraria no Brasil – e, para isso, a internet não mais iria me ajudar. Eu precisava descobrir de outra maneira como isso seria feito. Era preciso sair do mundo virtual e entrar no mundo real – constatação que imediatamente revirou meu estômago.

## Capítulo 15

Não era possível chegar a Santos sem ser visto, por isso decidi entrar, já ao anoitecer, no Canal de Bertiooga com o objetivo de fundear em frente à Vila de Monte Cabirão, onde acreditava que não seria visto por ninguém. Além disso, eu contava ali com um amigo, Carlão, que possuía uma poita no canal, podia me ajudar com a investigação e tomar conta do veleiro por uns dias.

Para despistar, deixei a vela amarrada na retranca, sem a capa onde estava costurado em letras grandes o nome do veleiro, e coleí um pedaço de adesivo branco sobre os nomes exibidos na proa e na popa, escrevendo por cima um novo nome – Soleone –, desenhado com letras grandes e pretas com um marcador permanente.

Convidei Carlão para jantar um belo Paprika Schnitzel, filé de lombo grelhado com molho de pàprica e knödel, um prato delicioso para levantar o moral e muito fácil de se fazer, acompanhado de uma bela cerveja alemã gelada. Durante o jantar, contei-lhe tudo o que me acontecera nos últimos dias.

Carlão trabalha para a Receita Federal em Santos, e se comprometeu a checar minhas suspeitas. Para ele, no momento, eram todas conjecturas e, por princípio, não poderia me ajudar. Depois que ele foi embora, já me sentindo melhor, fui dormir.

Nessa noite, no entanto, dormi muito apreensivo por causa de tudo que havia acontecido e, principalmente, pela incerteza do que estava por vir. Não só eu estava pondo minha vida em risco, mas também a vida de Gyo. Eu sabia que nossas vidas não valiam nada para aqueles homens e que, se meu plano falhasse, já poderia nos considerar como mortos.

Também não ajudaram em nada os fortes ventos de sudoeste que entraram no meio da noite, produzindo muitas marolas nas águas calmas do canal. Por várias vezes levantei para ver se a poita, que eu não conhecia, estava no mesmo local e se não havia se soltado do fundo de lodo.

Algumas vezes, pode ser melhor jogar ferro do que pegar poitas desconhecidas e cuja condição não se sabe. Mas tudo correu bem e, às 6 h da manhã, levantei para um banho com a água quente do boiler, que havia sido aquecida pelo motor durante a viagem e ainda não esfriara, e tomei um café da manhã bem reforçado, para aguentar o dia que estava por vir.

Carlão veio me pegar em seu bote e me levou até a margem embaixo da ponte, de onde era mais perto chegar na estrada e pegar o ônibus para Santos. Naquele dia, ele iria a São Paulo e não tinha como me levar a Santos. Não queria usar o ponto de ônibus dentro da Vila de Monte Cabrão com medo de ser identificado por alguém, preocupação compreensível para quem está sendo perseguido.

Desembarquei com os shorts e os tênis molhados pela água que entrava no bote do Carlão, já bem surrado e há muito tempo sem manutenção. Quando cheguei à estrada, o ônibus estava passando e precisei correr uns 50 metros para alcançá-lo. A viagem, passando por Cubatão, consistiu em 40 minutos em um ônibus quente, lotado e sem ar-condicionado. Quando cheguei ao meu destino, já estava seco. Coitado de quem precisa passar por isso todos os dias!

Cheguei ao Terminal Rodoviário de Santos, que fica na entrada da cidade, bem ao lado da Cadeia Velha de Santos, na Praça dos Andradas, imaginando que, se tudo corresse bem, no dia seguinte o somente prisional teria mais alguns novos inquilinos.

Em frente à cadeia, peguei um táxi e pedi que me levasse à Praça Franklin Delano Roosevelt, na Ponta da Praia, onde Marcela tinha seu apartamento. De posse de uma cópia de suas chaves, eu pretendia procurar pistas que me ajudassem a montar aquele quebra-cabeças.

Ela morava em um apartamento de 150 m<sup>2</sup> e três dormitórios, no segundo andar de um prédio de quatro andares bem em frente à praça. Não tinha portaria, apenas duas portas de grade de alumínio, uma para o corredor de entrada e a outra, maior, para as garagens no térreo, que eram abertas por chave. A situação era perfeita, pois, sem porteiro, ninguém poderia informar a gangue de que eu havia estado lá. A não ser que houvesse alguém vigiando o prédio, o que eu duvidava.

Entrei, olhando ao redor para ver se havia alguém vigiando, e peguei o elevador até o segundo andar.

Não precisei da chave. A porta estava com a fechadura arrebitada e “travada” com um pedaço de papel dobrado. Entrei rapidamente com medo de que tivessem pedido para algum vizinho ficar de olho se alguém viesse – novamente, coisa de gente perseguida ou que viu filmes de ação demais.

De qualquer maneira, era um belo apartamento, bem decorado, com piso de um rebuscado mosaico de tacos de madeira de diferentes cores que reluzia com a claridade que entrava pelas janelas. Percorri rapidamente todos os cômodos e banheiros para ver se havia alguém. Tudo vazio.

Fui ao quarto dela, que era a única suíte com banheiro integrado, e comecei a abrir as gavetas à procura de não sabia o quê.

Encontrei uma gaveta cheia de calcinhas, sutiãs e baby-dolls transparentes e sensuais, o que era de se esperar, apesar do meu espanto diante da variedade de cores e formatos, na maioria, minúsculos. Achei também alguns brinquedinhos sexuais, novamente, em várias cores e formatos – a maioria deles grande –, o que me deixou ainda mais espantado. Mas não era nada disso que eu procurava. O que era mesmo que eu procurava? Provas. Mas provas de quê?

Era o apartamento da Marcela, ou melhor, da Gyo. O que poderia ter naquele apartamento que provasse algo sobre o esquema Carbanak? Nada. Sentei na cama. Tinha de pensar... Eu estava indo por um caminho que não me levaria a nada. Voltei a me perguntar, agora em voz alta, com minha frase ecoando pelas paredes: “O que pode ter neste apartamento que incrimine ou me dê uma pista de por onde continuar?”

Foi quando lembrei da fotografia de Alicante. Nele, aparecia o mesmo homem que Marcela levou ao evento sobre trimagem de velas. Ele certamente estava envolvido, já que aparecia na foto com o ucraniano e Pedro.

Comecei a procurar fotos e agendas de telefones. Não estavam no quarto dela. Então fui ao outro quarto, onde encontrei um monte de caixas de plástico empilhadas. Algumas tinham roupas, outras pratos e objetos de casa e, finalmente, em uma caixa no topo da pilha, o que pareciam papéis.

Abri a caixa e lá encontrei o que procurava. Fotos, muitas fotos, junto com muitos recortes de revistas e jornais, em vários dos quais Gyo aparecia abraçada com diversos homens em eventos sociais. “Caramba, esta mulher rodou um bocado!”, exclamei.

Folheei o maço de papéis procurando por um rosto que logo encontrei, abraçado com outras três pessoas. “Mas como esse pessoal se abraça! Em toda foto de evento social as pessoas se abraçam e sorriem para tirar foto!” – exclamei novamente. Bem, isso não importava... Sim, era o homem da palestra. Li o rodapé da foto, que mencionava os nomes da esquerda para a direita, e nem precisei continuar, quando encontrei o nome “Rafael Mendonça Coutinho”. Rafael – era o cafetão.

“Ela foi ao evento com o cafetão! Por isso ele me conhecia!”

Procurei outras pistas em todo o apartamento, principalmente uma agenda de telefones, mesmo sabendo que hoje em dia todos os telefones estão registrados no celular. Eu não queria reconhecer nem mesmo para mim, mas estava procurando pistas sobre a vida da Marcela.

No entanto, além do que encontrei nas caixas, não achei mais nada. E nem teria por que achar: ela era apenas uma garota, não um personagem sinistro de cinquenta tons de qualquer cor... Então, saí do apartamento e fui embora.

## Capítulo 16

Saí do apartamento e fui caminhando em direção ao Canal de Santos, a duas quadras dali.

Atravessei a Avenida Almirante Saldanha da Gama e fui até a linda balaustrada art-déco que limita o canal. Sempre gostei do visual simples e encantador da grande barreira de muretas da Ponta da Praia, que, com o passar do tempo, acabou conquistando outros espaços na orla, em especial as ponteiros dos canais de Santos. Uma coisa que sempre me atraiu foi observar, através dos círculos das muretas, os navios de carga e de passageiros, botes, veleiros e lanchas que passam pelo canal, todos emoldurados pelo branco dos desenhos. Sorri, em um momento de descontração.

Mas meus pensamentos logo voltaram à realidade. “E agora?”, perguntei sem notar em voz alta. “Agora o quê?”, respondeu um senhor de seus 70 anos de idade que também estava apoiado na balaustrada ao meu lado, olhando o movimento dos navios.

“Desculpe, estava pensando em voz alta...”, e me virei, começando a andar na direção da balsa de Santos-Guarujá.

Então notei uma lancha que vinha rápido pelo canal, pelo menos a uns 25 nós, passando perto das lanchas dos práticos, apoitadas à minha frente, perto dos balaústres. Logo pensei no que a onda faria com o meu veleiro, se ele estivesse perto. “Irresponsável!”, exclamei.



E assim lembrei da lancha Carbanake: era lá que eu devia continuar minha busca. A lancha devia estar em algum estaleiro do lado de Guarujá para reparo do acoplamento da hélice. Não seria difícil encontrá-la.

Embarquei então na barca da marina, usada para levar seus clientes entre a marina e o píer da Praticagem, na travessia Santos-Guarujá-Santos pelo canal.

Como estava sozinho na barca, pedi ao marinheiro a gentileza de fazer um passeio pelo canal anterior, onde ficam as outras marinas e estaleiros. Passamos por eles, mas não vi a Carbanake no seco em nenhum deles. Pedi para fazer um passeio pelo canal onde fica a marina, que também abriga mais algumas marinas, e foi em um píer particular que a encontrei flutuando. Como o que tinha quebrado era o acoplamento, não havia necessidade de tirar a lancha da água, era possível fazer o reparo ali mesmo, pois o acoplamento é a peça que liga o eixo da hélice à transmissão do motor e serve justamente para tirar a vibração ou, no caso de a hélice se enroscar ou bater em algo, para absorver o impacto sem danificar o motor.

Retornamos à marina e agradei pelo passeio. Tentei não me expor muito, e fui direto à portaria, por onde saí da marina.

O píer onde estava a lancha ficava a uns 200 metros de onde eu estava, em um terreno adjacente à marina que tinha uma casa servindo de escritório e um galpão servindo de estaleiro. Fui andando até a esquina da marina, atravessei a rua e entrei em um terreno abandonado, ainda coberto com as árvores do antigo mangue, e por ali entrei na mata. Eu queria chegar ao prédio do lado sem levantar suspeitas, e as árvores do mangue me manteriam escondido.

Bem em frente ao galpão, parei para verificar se havia movimento ou algum vigia na casa ou no galpão. Não vi nada, mas notei algumas câmeras que certamente registrariam meu movimento se eu tentasse entrar. Decidi então ficar de tocaia até o anoitecer, quando haveria mais chances de eu entrar despercebido. A decisão durou pouco, pois eu dividia o local com os mosquitos, que tentavam tenazmente me picar. Saí correndo dali pelo mangue e fui dar na Estrada de Santa Cruz dos Navegantes, que liga o bairro de Jardim Guaiuba ao de Santa Cruz dos Navegantes, vulgarmente chamado de Pouca Farinha, por causa da comunidade que ali se instalou.

Como tinha tempo, fui caminhar pelo Jardim Guaiuba, um belo bairro de casas que se afunila entre duas montanhas, até dar na praia de mesmo nome, a Praia do Guaiuba. É um bairro muito bonito, apesar das ruas de areia e da falta de cuidado com a jardinagem, e seria uma pena que construíssem prédios altos por ali. Já bastam as praias de Pitangueiras e Astúrias, completamente tomadas por seus altos prédios e sua superpopulação, que se transforma em um problema nos finais de semana e feriados.

Caminhei durante algumas horas pelo bairro e pela praia, descansei em um banco em frente à praia, apreciando as constantes ondas do mar que, como diz a música, passa a língua “saborosamente” na areia, e os navios ancorados esperando pela liberação de sua entrada no porto.

Eu estava totalmente imerso em meus pensamentos, até que, depois de comer um sanduíche em uma lanchonete em frente à Praça Dr. Walter Belian e comprar um repelente para os mosquitos, retornei pela estrada de Santa Cruz dos Navegantes até o terreno pelo qual havia atravessado, voltando assim ao meu posto de tocaia – agora camuflado pela noite e protegido dos mosquitos – em frente ao estaleiro onde estava a lancha Carbanake.

## Capítulo 17

Não havia, ou pelo menos eu não conseguia identificar, nenhum tipo de movimento na casa ou no galpão.

Decidi que estava na hora de me mexer. Ao lado do estaleiro havia um terreno baldio, e era por lá que eu iria entrar. Atravessei a rua e passei por baixo da cerca de arame farpado, bem enferrujado por sinal, que não representava obstrução para ninguém – talvez para um cavalo ou uma vaca, mas não para uma pessoa...

Tratei de evitar pisar nas garrafas de cerveja quebradas ao redor, jogadas junto com camisinhas usadas por todos os lados. Isso era bom: se o pessoal usa este lugar para beber e fazer sexo, ele não deve ser vigiado.

Fui até a margem e pude ver a lancha amarrada ao píer por espias em um dos bordos. A popa estava apontada para o meu lado, o que diminuiria meu tempo de exposição e facilitaria o embarque. Eu nem precisaria pular o muro, já que, com a maré baixa, era possível caminhar de um terreno ao outro pelas pedras, apenas tomando cuidado para não escorregar no musgo e no lodo sobre elas. Caranguejos-violinistas e maria-mulatas fugiam pela terra enquanto eu pulava, cuidadosamente, de pedra em pedra.

Tentei identificar outras câmeras filmadoras, mas parecia que a preocupação dos proprietários era com pessoas que pudessem entrar por terra, e não pela água. Não consegui identificar nenhuma câmera e, quase agachado, fui me movendo em direção à popa da embarcação. Estava tudo muito fácil... Estaria eu entrando em uma emboscada? Gelei com esse pensamento e tentei logo tirá-lo da mente, concentrando-me no que precisava fazer .

Subi com cuidado na lancha, desviando do turco e do bote que estava preso ao seu suporte sob a plataforma de popa. Olhei para o espelho de popa e lá estava, em letras verdes, o nome que não

saía da minha cabeça: Carbanake.

Entrei na lancha e tentei abrir a porta de correr de vidro que dava para o salão. Estava trancada. Retornei uns passos para trás, girei o corpo e levantei o banco que dava na cabine do marinheiro, por onde eu sabia haver uma porta para entrar na lancha.

Meio apertado e fazendo mais movimentos do que gostaria, entrei na lancha por uma divisória na cozinha, que ficava no nível dos quartos. Praguejei contra mim mesmo quando percebi que a lancha balançava com meus movimentos, sendo impossível que alguém a bordo, caso houvesse, não percebesse que havia outra pessoas ali. “Azar”, pensei, “Agora é tarde”.

Fui até o quarto onde Marcela havia me levado no dia anterior e abri a porta. No escuro, notei um vulto na cama e, ligando uma pequena lanterna de bolso que levava comigo, iluminei-o. Era Marcela. Ela estava amarrada pelos pés e pelos punhos, com as mãos atrás das costas. Dava para ver um pano enrolado ao redor de seus cabelos loiros. Estava amordaçada. Cheguei perto e cutuquei seu ombro. Ela se virou, reconheceu meu rosto através da tênue luz da lanterna e, de repente, seus olhos se abriram em espanto.

Tentei acalmá-la sussurrando que era eu, mas a batida seca em minha nuca me fez entender que o espanto não era por minha causa, e sim por causa de Pedro que, novamente, me acertara por trás.

Não sei o que aconteceu depois, pois caí já sem sentidos sobre a Marcela.

## Capítulo 18

Ao acordar, notei uma luz forte vinda da janela. Sabia que ainda estava na lancha, porém não no píer, e sim no mar. Eu poderia reconhecer o movimento do mar onde quer que estivesse.

Estava amarrado e com frio. Pudera, estava sem roupas. Minhas mãos estavam amarradas pelos punhos, por trás das costas. Eu podia sentir o peso da corrente que prendia meus tornozelos.

Olhei em volta e percebi que ainda estava na mesma cabine onde havia sido nocauteado. Marcela ainda estava na cama, amarrada do mesmo modo. Com a luz que entrava pela janela da cabine, pude ver que ela estava acordada e me olhava com preocupação. Estávamos os dois amordaçados e tentei “pedir” com os olhos que não se preocupasse. Obviamente, ela não entendeu... Olhei novamente para a luz que vinha pela janela e logo a reconheci como a de um navio. Aliás, seu casco estava a poucos metros da lancha.

Percebi uma movimentação de pessoas no deck da lancha, pelo barulho que faziam ao andar em pelo menos três pontos, concluindo assim que haveria pelo menos três pessoas a bordo. Por cima da Marcela, tentei me aproximar da janela para poder ver o que estavam fazendo. Com a proximidade entre a lancha e o navio, não consegui ver nada. Mas meus sentidos se aguçaram no momento em que senti o perfume de Marcela e a proximidade do seu corpo ao meu. Totalmente nu, sentindo aquele cheiro inebriante, com os corpos roçando um no outro enquanto tentava ver o que se passava para além da janela, senti apenas uma sensação agradável entre as pernas.

Marcela também sentiu e imediatamente observou minhas “joias de família”, olhando em seguida, espantada, direto em meus olhos. Só pude retribuir seu olhar com outro olhar safado e sorrir, apesar de que, por baixo das mordanças, ela não deve ter visto meu sorriso maroto.

Tentei então recuperar o controle das emoções e pensar no que importava naquele momento: como sair de mais uma enrascada.

O movimento no deck cessou e percebi que o barulho se transferiu para a popa, e depois para a cabine ao lado de onde nos encontrávamos. O que quer que tenham retirado do navio, e eu tinha uma boa ideia do que era, agora aquilo estava sendo armazenado na cabine ao lado.

Alguém acelerou a lancha e começamos a nos distanciar do navio. Olhei para cima pela janela e, ao passar pela proa do navio, pude ver o seu nome: Cormoran.

Nisso, a porta da cabine se abriu, e Pedro entrou, seguido por Rafael.

Vendo que eu estava deitado ao lado da Marcela, puxaram pela corrente enrolada aos meus tornozelos e me jogaram novamente no piso da cabine. Como que para não perder a oportunidade, Pedro deu um chute na minha barriga e, enquanto me contorcias de dor, pude ouvi-lo dizer: “Não se mexe daí ou vai apanhar mais”. E saiu da cabine.

Agachando, Rafael me puxou pelo cabelo, levantando meu corpo até quase ficar sentado, e disse, me olhando nos olhos: “Como é que eu pude perder minha melhor garota de programa para um idiota como você?” Então, olhando para ela, complementou: “Que desperdício!”

Em seguida se levantou e, para complementar o desprezo aplicado a sua última palavra, desferiu um chute nas minhas costelas. Diante do meu corpo novamente arqueado de dor, deu uma gargalhada, saiu e fechou a porta com um sorriso no rosto.

Foi precisamente nesse momento que toda a história passou pela minha cabeça, como um filme, e eu percebi que estava a caminho de uma morte certa.

# Capítulo 19

Após alguns minutos tentando recuperar o fôlego e esperando a dor passar, abri os olhos e notei que Marcela tinha o rosto vermelho e coberto de lágrimas. Tentei novamente tranquilizá-la com o olhar, mas não devo ter conseguido comunicar nada.

Então, ergui meu corpo e fiquei de joelhos. Sentei na cama de costas, perto do rosto da Marcela e, com as mãos ainda atadas, tentei retirar a mordaca de sua boca, baixando-a em direção ao pescoço. Ela gemeu de dor ao ter a mordaca puxada, mas assim que viu sua boca livre, começou a praguejar em voz baixa e a dizer de que eu não deveria ter vindo.

Sem me preocupar com o que dizia, deitei sobre seu corpo e baixei minha cabeça em direção a suas mãos, para que ela pudesse retirar minha mordaca. A dor com que puxou a mordaca não foi tão intensa quanto a sensação de suas unhas arranhando meu rosto ao tentar passar os dedos por baixo da mordaca apertada. Assim que me vi livre do pano, no entanto, esqueci a dor, logo perguntando se ela estava bem.

Ela me olhou nos olhos e respondeu que sim. Começou a falar novamente, e a interrompi: “Agora não é hora de falar. Temos de sair daqui. Se concentra. Vou deitar de costas para você para poder desamarrá-la.” Eu já havia observado o nó com que haviam amarrado Marcela, comprovando o que já sabia: lancheiros não sabem fazer nó. O que amarrava minhas mãos, só de me movimentar, já estava meio solto.

Rolei por sobre o seu corpo e achei suas mãos pelo tato. Realmente, haviam dado umas duas voltas com o cabo em torno de seus punhos e finalizado com um nó cego. Para soltar, foi só puxar o cabo com força perto do nó, fechando-o ainda mais e abrindo mais folga nos cabos. Peguei uma das voltas do cabo e a abaixei até passar pelas delicadas mãos da Marcela. A última volta, sentindo que estava solta, ela mesma desfez.

Imediatamente, ela se levantou e começou a soltar o meu nó, embora com um método um pouco diferente: abaixou-se com a cabeça em direção às minhas mãos e, sentindo o ar que saía de sua boca, percebi que havia travado os dentes em uma das pontas de um dos cabos do nó. Então, puxou a cabeça para trás. Uma, duas e, após o terceiro puxão, o nó afrouxou, e ela terminou de soltá-lo com as mãos.

Com as mãos livres, peguei seu rosto e dei um beijo rápido em sua boca. Ela me olhou e sorriu. “Desamarra seus pés que vou soltar a corrente dos meus.”

A corrente estava presa apenas por uma manilha de aço inox com pino de rosca, que travava

dois elos da corrente bem apertado em volta dos meus tornozelos. A maneira como prenderam a manilha nos elos estava perfeita, contudo o pino fora apertado apenas com a pressão dos dedos, o que revelava que eles não esperavam que nos soltássemos. Foi muito fácil me soltar.

Marcela também havia soltado o nó dos seus tornozelos com facilidade e, agora soltos, instintivamente nos abraçamos e nos beijamos.

## Capítulo 20

Prontamente apanhei meus shorts, camiseta e tênis jogados no chão e me vesti. A sensação de estar amarrado e pelado foi uma das mais estranhas que já experimentei. Uma sensação de impotência e vulnerabilidade. Talvez fosse isso mesmo que eles quisessem.

A lancha estava em velocidade de cruzeiro, e obviamente em direção ao alto-mar, onde iriam me jogar borda afora.

Não tinha certeza do que fariam com a Marcela, pois ela estava apenas amarrada. Ela valia mais para eles viva do que morta; com certeza eles tinham os meios para escravizá-la e mantê-la por muito tempo desempenhando suas atividades profissionais sem falar nada sobre o que havia acontecido.

Abri a porta da cabine e pedi que ela andasse com cuidado, para não mexer a lancha e alertar sobre a nossa fuga.

Não havia ninguém no corredor dos quartos e, ao passar pela porta da cabine onde haviam colocado o que tiraram do navio, abri devagar a porta, girando a maçaneta curioso, mas com cuidado.

Imediatamente pude ver Rafael de costas para a porta, sentado no chão com um maço de dinheiro na mão. Perdi totalmente a noção e, sem pensar, dei um chute com a ponta do meu tênis no meio de suas costas, seguido de uma joelhada na nuca. Nunca bati tão forte e com tanta raiva em alguém. Ele caiu imóvel e inconsciente sobre o dinheiro. Marcela, vendo o “amigo” caído e ainda tendo algum tipo de afeto pelos anos de convívio, sem perceber que ele era o vilão naquela história, instintivamente se agachou para ver como ele estava, enquanto dizia sem raciocinar: “O que você fez, Marcos? Não precisava bater tão forte!”

Não dei ouvidos e me preparei para desfechar um último golpe caso ele ainda estivesse consciente. Não estava.

Olhei para os fardos de dinheiro ainda presos em quatro grandes redes – obviamente, método utilizado para baixar a “carga” por meio de algum guincho do navio. Sobre a cama, muitas armas de alto calibre, principalmente metralhadoras, além de alguns revólveres e muita munição: eles não estavam para brincadeira. Havia muito dinheiro. As notas que pude ver, espalhadas pelo piso da cabine em volta do Rafael, eram todas de cem dólares.

Mas isso não importava no momento. Peguei a Marcela pelo braço e disse baixinho: “Vamos”.

Ela soltou Rafael, que caiu sobre o saco de dinheiro aberto. Peguei um pedaço de um cabo amarrado à rede que segurava um dos fardos de dinheiro e o amarrei pelas mãos e pelos pés. Nó de marinheiro. “Sai dessa, Rafael!”, disse baixinho para mim mesmo. Tirei o pano que ainda estava preso no pescoço da Marcela e o usei para amordaçá-lo.

Peguei uma pistola calibre 38 da cama e soltei o pente para ver se estava carregada. Pente cheio. Coloquei na cintura enquanto saíamos da cabine, fechando novamente a porta.

Parei antes de subir ao salão, tentando identificar se havia alguém por lá. Não havia ninguém.

Eu tinha certeza de que havia pelo menos três pessoas a bordo, e uma delas já estava fora de jogo. Faltavam no mínimo duas: Pedro e mais um, talvez Mauro. Talvez um marinheiro ou mais alguém do bando. Não tinha como saber, mas, para minha segurança, eu deveria assumir que eram mais que dois.

Realmente não havia ninguém no salão e nem no solário de popa, todo iluminado. Deviam estar no flybridge.

Olhei em volta e me pus a compor um plano. Não queria enfrentá-los. Deixaria isso para a polícia. O que eu precisava era achar uma maneira de deixá-los incomunicáveis e à deriva, sem condições de fugir com a lancha. Tinha de fazer com que a lancha não pudesse mais navegar.

Notei, então, vários celulares na bancada, e pedi que Marcela pegasse todos eles e também o que estava com Rafael, na cabine.

Fui até o bar, na lateral do salão, e peguei duas garrafas de whisky.

Marcela voltou dizendo que, quando ela entrou, Rafael havia recobrado a consciência e estava se debatendo. Parece que eu não tinha batido suficientemente forte. Ainda bem que ele estava amarrado. Então ela me surpreendeu ao dizer calmamente: “Dei um chute no rosto dele e ele desmaiou de novo. Fiquei preocupada que fizesse algum barulho que chamasse a atenção dos outros. Acho que não temos de nos preocupar com ele por mais um tempo.” Só pude sorrir e

fazer um gesto de “ok”.

Inspecionando os celulares, Marcela disse: “Falta um. Aqui tem o meu, o seu, o do Rafael e o do... Pedro”, confirmou, depois de clicar no botão de ligar e ver surgir na tela uma foto do Pedro abraçado a um cachorro pitbull, “Falta o do Mauro.”

“Azar”, pensei, “Não vai dar para subir e pegar com ele.”

Peguei as duas garrafas de whisky enquanto Marcela perguntava o que iria fazer com elas. Então me dirigi à entrada do tanque de abastecimento, que ficava a bombordo, na passarela lateral do solário de popa. Antes da minha próxima ação, olhei para o bote de borracha e vi que estava com seu motor de popa e apoiado sobre seu suporte na plataforma de popa. A chave estava no painel de contato em seu console central. Fui devagar até a popa e soltei os dois gatos que ligavam o cabo da catraca do turco ao bote de borracha e, voltando para onde estava a entrada do tanque de abastecimento e abrindo a tampa, que era rosqueada, virei o conteúdo das duas garrafas dentro do tanque de diesel.

Pedi que Marcela viesse até a popa devagar, sem movimentos bruscos, e subisse no bote. O que ela fez de maneira suave e graciosa. Parecia que eu tinha pedido que andasse por uma passarela de moda – o que me fez soltar um sorriso pelo canto da boca.

Desci também com cuidado até a plataforma de popa e me certifiquei de que nada estivesse ligado ao bote. Esperei um pouco para empurrá-lo em direção à água, enquanto Marcela questionava: “O que você está esperando? Empurra o bote logo na água! Vamos embora!” Então expliquei: “Assim que eu empurrar o bote e ele cair na água, eles vão perceber que estamos fugindo e vão nos perseguir ou, se estiverem armados, atirar. Preciso que o whisky faça efeito e inutilize os motores antes de jogar o bote na água, para podermos fugir.”

Ela me olhou com cara de incompreensão, então, complementei, sem muita explicação técnica: “O motor deles é a diesel. Não gosta de álcool, especialmente whisky. Assim que o diesel limpo que está na mangueira acabar e o novo diesel misturado com álcool for bombeado para o motor e passar pelo injetor, esses motores já eram!” Eu tinha calculado que haveria diesel “limpo” na mangueira o suficiente para uns cinco minutos, e pedi que Marcela ficasse de olho no flybridge e me avisasse se alguém descesse.

Enquanto isso, peguei meu celular e cliquei no ícone do Navionics. Imediatamente o aplicativo mostrou minha posição por meio de uma flecha vermelha e, ao clicar nela, apareceu o sinal de interrogação que mostraria minha latitude e longitude. Assim que a tela mostrou as coordenadas, fiz uma captura de tela e encaminhei para o WhatsApp do Carlão.



Nesse momento, senti um dos motores falhar, e em seguida veio um barulho abafado de explosão, acompanhado por um ranger de metal, depois mais outro. Imediatamente empurrei o bote de borracha para bombordo e pulei nele assim que o casco bateu na água.

Olhei para o flybridge e pude ver os dois homens discutindo. Então Mauro olhou para a popa e me viu no bote de borracha. Liguei o motor e, dando um grito para Marcela se segurar, engatei com força avante no manche e arrancamos com o bote empinando. Olhei para trás e vi Pedro sacar um revólver, tendo tempo apenas de gritar “Abaixa!” para Marcela, ouvir o disparo e ver um pedaço de fibra de vidro sendo estraçalhado no painel de comando do bote, onde a bala acertou.

Ouvi outro tiro, mas não vi onde foi dar. Mais dois disparos. Não haviam me acertado e imediatamente olhei para Marcela, temendo que houvesse sido atingida. Ela estava caída no fundo do bote. Estendi a mão, virei-a pelo ombro e vi que seu rosto estava coberto de sangue. Engatei neutro, antes me certificando de que estava longe o suficiente da lancha, e soltei um grito desesperado: “Ele te acertou? Você está ferida?”

Ela fez que não com a cabeça: “Estou bem. Caí com a arrancada do bote e bati a cabeça.” Foi aí que vi o corte na sua têmpora esquerda, de onde ainda saía sangue. Tirei minha camiseta e apertei o local, pedindo que ela segurasse.

“Estou bem... Não se preocupe”, ela respondeu, diante da minha preocupação.

Olhei ao redor e pude ver o movimento na lancha toda iluminada.

Peguei meu celular e comecei a gravar uma mensagem de voz: “Carlão, a lancha do Mauro está à deriva nas coordenadas da imagem que te mandei. Agora há pouco eles transferiram três fardos contendo sacos de dinheiro do navio Cormoran, que está ancorado na Baía de Santos. Eu e Marcela estamos bem; fugimos no bote de borracha. Eles estão armados com revólveres e metralhadoras e devem estar pedindo ajuda para alguém do bando deles, pois o Mauro ficou com o celular. Há três pessoas a bordo: Mauro, Pedro e Rafael. A lancha é uma 65 pés chamada Carbanake, mas não vai a lugar algum, pois inutilizei os dois motores. Espero que você tenha conseguido confirmar minhas informações em São Paulo. Vou me mandar daqui. Avisa o que vocês vão fazer e se tenho de me esconder. Te encontro no veleiro mais tarde.”

Soltei o botão de gravar e esperei até ter certeza de que a mensagem havia sido entregue. Sim: entregue e, logo depois, ouvida. Vi então que ele digitava alguma coisa e recebi: “História confirmada. Ação policial autorizada. Estamos a caminho. Te vejo mais tarde.”

Tranquilei Marcela com as novas informações e, engatando avante no manche, acelerei em direção à entrada do Canal de Santos, por onde retornaria ao veleiro.

Ajudei-a a sentar-se em um dos cascos de borracha e, percebendo o vulto na minha cintura, peguei a arma, olhei para ela e a joguei no mar. Não tinha mais uso para ela. Uma arma a menos no mundo.

## Capítulo 21

Eram quase duas horas da madrugada quando recebi a ligação do Carlão. Eu e Marcela havíamos chegado ao veleiro famintos e, enquanto ambos tomávamos rápidos banhos intercalados, cozinhei um espaguete para fazer uma bela macarronada ao molho à bolonhesa – molho pronto, mas, mesmo assim, delicioso!

O corte na têmpora da Marcela havia sido superficial e um curativo resolveu o problema.

A ligação do Carlão foi breve. Haviam mandado as duas lanchas blindadas da Receita Federal, Leão Marinho I e Leão Marinho II, e a nova lancha da Marinha, Mangangá, nome que significa peixe-pedra ou peixe-escorpião, equipada com sensores de visão noturna, câmera térmica, radares, cabine blindada e metralhadora. Os dois navios patrulha da Marinha também haviam sido enviados para apoio e suporte a essas embarcações, em uma operação nos moldes dos filmes de Hollywood.

Enquanto as lanchas da Receita Federal abordavam, sem incidentes, o navio Cormoran, já que sua tripulação dormia sem saber de nada, a Mangangá foi enviada com o objetivo de realizar uma operação furtiva na lancha Carbanake, tentando abordá-la, sem ser percebida, usando seus sensores e câmeras térmicas.

A operação não sucedeu conforme planejado, pois a Mangangá foi recebida a tiros de metralhadora, provenientes de duas lanchas amarradas a contrabordo, a Carbanake e uma outra que estava prestando socorro. Com a reação, todos os oito integrantes da gangue que estavam nas duas lanchas, incluindo Mauro, Pedro e Rafael, foram mortos.

As sacolas de dinheiro foram encontradas junto com as armas. Tudo estava sendo naquele momento identificado e contabilizado, e uma versão da verdade estava sendo redigida para a coletiva de imprensa que divulgaria a ação conjunta da Marinha e da Receita Federal para todas as emissoras de rádio e TV, blogs de notícias e principais jornais, marcada para às seis horas da manhã.

Carlão informou que meu nome e o de Marcela haviam sido excluídos de todos os autos, e que a versão oficial era a de que toda a operação havia sido descoberta após vários meses de traba-

lho de inteligência realizado pela Polícia Federal. Os únicos que sabiam a verdade eram Carlão, Marcela e eu.

Desliguei o celular, contei tudo para Marcela e, enfim despreocupados e aliviados por tudo ter acabado, fomos dormir.

## Capítulo 22

No dia seguinte, Carlão passou pelo veleiro antes de ir para casa dormir.

Eram 14 h, e havíamos terminado de comer uma caldeirada de peixe pescado naquela manhã ali no canal, feita com tomates, cebolas, batatas, pimentão, óleo de dendê e leite de coco e acompanhada de arroz branco e farofa.

Havia sido uma noite longa e uma manhã mais longa ainda para o Carlão, que, chegando faminto, contou em detalhes o que havia acontecido enquanto comia um pouco da caldeirada e tomava uma merecida caipirinha feita com uma cachaça especial que eu havia comprado em Paraty.

A alta direção da Polícia Federal havia decidido que, para nossa proteção, a investigação de toda a operação seria assumida por eles e pela Europol, e que não haveria nenhum registro de nosso envolvimento.

O esquema era muito maior do que parecia, envolvendo políticos, funcionários públicos, laranjas, empreiteiras, crime organizado e entidades internacionais. Provavelmente, seria necessária uma nova operação do tipo da célebre Lava-Jato, para entender e punir todos os envolvidos.

Não tive nenhum problema em não aparecer. A última coisa que eu poderia desejar era ter esse pessoal todo atrás de mim e da Marcela. Entreguei os celulares do Pedro e do Rafael ao Carlão, que iria entregá-los à perícia para desbloquear os equipamentos e obter novas informações.

Enquanto ele se encaminhava ao seu bote para voltar para a margem, entreguei-lhe o cabo e o presenteei com “meu” novo bote de borracha da lancha Carbanake. Ele não tinha nome e, após os eventos da noite anterior, com certeza ninguém o reclamaria ou daria por sua falta.

Carlão ficou meio sem jeito; olhou para o seu bote, olhou para o bote da Carbanake e, sem mais pensar, pulou no bote de borracha. Amarrando seu antigo bote em um dos cunhos, partiu acenando e com um sorriso nos lábios.

# Epílogo

Ao ver o Carlão chegando calmamente na margem e amarrando o bote no píer de sua casa, que dava de frente para o canal, virei para Marcela e disse, sem perguntar: “Tenho uma proposta para te fazer”, ao que ela me olhou desconfiada e, interrompendo minha frase, que ela supunha conhecer, deixou minha pergunta pairando no ar e lançou: “E minha antiga profissão?”

A pergunta me pegou desprevenido. Já havia pensado várias vezes no assunto e não havia chegado a nenhuma conclusão. Então, experimentei uma sensação “quente” percorrendo novamente minhas “joias da família”, sensação que acontecia com certa frequência e me fez pensar que, nesse momento, qualquer que fosse a resposta à sua pergunta, eu estaria respondendo “com a cabeça de baixo” e não “com a de cima”. Isso me fez parar para refletir por um minuto, enquanto sua expressão ia mudando e ficando sombria.

Em seguida, após ponderar por uns instantes, o que para ela pareceu uma eternidade, respondi com um sorriso maroto: “Realmente? Não me importa. Aliás, desde que tenha abandonado a profissão de maneira definitiva, só vejo vantagens nela para mim. Então, agora, posso fazer minha pergunta?”

Seu rosto voltou a se iluminar, e ela meneou um “sim” com a cabeça.

“O que você acha de passarmos no seu apartamento, pegarmos tudo aquilo de que você precise ou ache que seja necessário para viver em um veleiro por alguns meses, e partirmos em um cruzeiro até o Caribe ou, quem sabe, se tudo der certo e você gostar, para outros lugares mais distantes?”

Sem mesmo responder à minha pergunta, ela abriu um sorriso, seus olhos se iluminaram e, sentando-se ao meu lado, Marcela me abraçou e me beijou, um beijo comprido, que vinha combinado com sua resposta.

Partimos dois dias depois, sem previsão ou prazo para voltar.

FIM

# Sobre o autor:



## Maximilian Immo Orm Gorissen

Max Gorissen, como é conhecido, veleja desde os 17 anos.

Administrador de empresas e sempre envolvido profissionalmente com o setor de tecnologia, especializou-se em ajudar a criar estratégias de negócios inovadoras para empresas interessadas em explorar novas formas de competir em um mercado transformado pela tecnologia.

Apaixonado por vela e veleiros, criou em 2008 o portal [SailBrasil.com.br](http://SailBrasil.com.br) para oferecer conteúdo sobre esse assunto. O site imediatamente virou referência, tanto para o mercado náutico quanto para o pessoal da vela, que encontrou em suas páginas uma maneira de se informar, por meio de entrevistas, colunas, destaques, comentários, opiniões, relatórios e notícias relevantes para a comunidade da vela.

Em 2017, complementando o portal, começou a editar a revista semestral *SailBrasil Magazine*, que disponibiliza gratuitamente no portal, como uma maneira de contribuir para a vela brasileira. Após 10 anos, a revista acaba de substituir o conteúdo do portal.

Morando em São Paulo, Max pode ser encontrado nos finais de semana velejando com a família pela costa paulista em seu veleiro Gaia 1.

